

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, Bruno, C. Goodolphim, Ernesto Pires, Gomes Leal, Gerio Vaz, J. F. de Rosiers, José J. Nunes, Latino Coelho, Lopes Trovão, Maria L. Caldas, R. Cardozo, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Número 38

Julho — 1883

2.º anno

GERVASIO FERREIRA D'ARAUJO

Cabe a vez hoje de figurar no lugar principal da *Galeria Republicana* a Gervasio Ferreira d'Araujo. Não se lhe faz um favor: cumpre-se um dever. Gervasio Ferreira, um cavalheiro distincto pelo seu saber e outras qualidades que o caracterizam, merece o preito da nossa admiração n'este lugar, provados como se acham os seus merecimentos na sua excellente carreira litteraria e scientifica, na primeira parte demonstrado já nas columnas d'esta publicação, onde ha muito se reconhece o aprimorado dos seus trabalhos litterarios, tornando-se por isso digno d'esta justa homenagem.

É, pois, um dever gratissimo que cumprimos, máo grado a pobreza das nossas linhas não sabendo devidamente exaltá-lo aqui, convencidos embora, da benevolencia dos que melhor o podessem fazer, biographando-o como um dos nossos mais instruidos e estimados correligionarios do norte do paiz.

Poeta modesto, mas vigoroso e audaz, não maneja a penna que não consiga fazer vibrar todas as fibras da nossa alma, fazendo-nos lêr em cada uma das suas palavras um pensamento elevado, em cada exclamação que o siga, o grito d'uma consciencia impolvida dos vicios dos seus contrarios.

Não é, pois, um d'esses poetas *alambicados* que nos incommodam os nervos; não é um poeta *sueré*, arrebatado docemente pelos céos transparentes dos ideaes sonoros; tocam-nos sim, as produções do seu aturado e util trabalho, mas, de modo o mais agradável, no seu estylo claro e insinuante, sabendo desprezar as *rosas* dos Vidal, e de outros que fazem as delicias das damas do *high-life* do *Illustrado*. O seu meio, é a verdade e a boa doutrina. Fóra d'aqui, seria o nosso illustre biographado ha muito para aquelle, como para outros periodicos da sua indole, um dos seus muito dilectos poetas, a exemplo d'alguns que para ahi gozam as *homas* que Gervasio Ferreira dispensa...

Poeta meticuloso, e republicano convicto, Gervasio Ferreira satisfaz-nos assim,

n'aquella assiduidade do trabalhador incansavel, preparando no seu incessante lidar a obra de que carecemos, conduzindo-nos á victoria a que elle visa tambem!

Occulto até aqui, sob o pseudonymo de Gerio Vaz, aquelle Gerio Vaz que fazia

tir muito accentuadamente em todas as produções do seu saber, quer litterarias, quer scientificas. Se vibra n'aquellas o enthusiasmo ardente da mocidade, e se n'estas se desenvolvem largamente os vastos conhecimentos do pensador, veremos em todas que o seu espirito culto antepõe ás impressões de momento, e premeditação necessaria, áquelles que não pensam em figurar nas alas douradas da eterna *juventude litteraria* que tem produzido em todos os paizes, vultos sympathicos e corações arroubados. Desde Salomão na Judea, Anacreonte na Grecia, Horacio em Roma, Hafitz na Persia, Saint Evremont, Chaulieu, Voltaire e Mossuet na França, Byron e Moore na Inglaterra, Heine, mais amargo do que doce na Alemanha, até aos nossos sentimentalistas, é larga essa pleiade a que de certo não pertence o nosso digno biographado.

Mocço ainda, pois nasceu em 1856, tem uma vida austeramente trabalhosa, lecciona e escreve e, se como estudante é o seu nome invejado pelos condiscipulos que se acostumaram a respeitá-lo, como professor é um dos mais abalisados e queridos que actualmente ha no Porto. Como escriptor, cuja feição já apontamos, falla por nós o largo e valioso numero de composições suas, dispersas em varias publicações periodicas, onde são sempre archivadas com entusiastico applauso.

Gervasio d'Araujo é um republicano sincero e digno. Para elle, como para nós, a idéa, o principio vale tudo e é tudo. Não indaga a procedencia do cavalheiro logo que elle venha bem equipadado para a lucta, e tenha musculatura nervosa e herculea na convicção.

Batalha, esgrime bem, é optimo soldado. Deixa revelar pelo fio da espada os botes inimigos, vacila, não sabe mesmo porque acaso nefasto se encontra na brecha, é detestavel companheiro.

O primeiro tem a amizade sincera e fraternal de Gervasio d'Araujo, o segundo póde contar com o seu desprezo e com a sua justiça tambem.

São assim todos os positivistas. Estimula-se com a realidade, com aquillo que vê



GERVASIO FERREIRA D'ARAUJO

scismar os nossos leitores procurando-o entre os poucos homens de merecimento que possuímos, a *Galeria Republicana* apresenta-o com muita honra aos que o procuravam, na pessoa d'um joven de veras sympathico, e cheio d'uma vida preciosa para os que n'elle admiram um conjunto das mais especiosas qualidades.

D'um caracter da mais meticulosa austeridade, Gervasio d'Araujo o faz resen-

e que se apalpa, deixando aos impressionistas as bellezas do sentimento e todas as banalidades do Bello e do Ideal.

Nasceu Gervasio d'Araujo na casa da Quinta, em Ribeira da Pena, provincia de Traz-os-Montes, filho do sr. Antonio Ferreira d'Araujo, e desde tenros annos, lutando com opiniões arraigadas de familia, sentia o ardente desejo de ver mundo, rasgando os véos tenebrosos que lhe envolviam a intelligencia na sua pitoresca margem do Cavez.

Veio para o Porto, onde principiou por ser empregado do commercio, abandonando pouco depois esta carreira para se devotar exclusivamente ao estudo que o levantou a lugar proeminente entre os nossos contemporaneos illustres nas sciencias e na litteratura.

Publicou, de camaradagem com José Pereira de Sampaio (Bruno) o *Vampro* de que se imprimiram 7 numeros, sendo afinal querelado e suspenso por nenhum dos seus redactores attingir a maior idade.

Foi, depois, e por largo tempo, collaborador do *Imparcial*, de Guimarães, onde as scintillações brilhantes do seu espirito se casavam á fluente prosa do desditoso sargento Boaventura José da Costa hoje refugiado na America, por haver tomado parte n'uma *pavorosa*, imaginada por Fontes, aquelle famoso pae... das velhas...; do Olympico Fontes, senhor feudal dos senhorios lusitanos d'aquem e d'alem-mar.

Em 1880, fez distribuir os volumes de critica mensal *Farpas Modernas*, onde discutia serena e justificadoamente assumptos de vasto alcance. É este o seu trabalho mais primoroso, de mais largo folego e que mais o nobilitou no campo da litteratura.

Em 1882, foi com um dos seus mais preadados amigos e nosso estremecido collega, Ernesto Pires, bem como com Costa e Silva Junior, redactor do *Republicano do Norte*, semanario de que se publicaram 11 numeros e que terminou, graças á extraordinaria (sic) protecção que lhe dispensaram os republicanos (?) portuenses.

Outro, que não fosse um tão denodado trabalhador pela causa da democracia, teria fraquejado na lucta, victima dos attritos que até ali se lhe apresentaram, como que, procurando dobrar a vontade de ferro de Gervasio d'Araujo, levando-o a um estado de prostração.

Ao contrario, continuou a sua obra redigindo e collaborando em muitos periodicos, entre elles, esta revista onde sob o pseudonymo de Gerio Vaz (como dissemos já), nos faz honra como um dos nossos mais dedicados collegas.

Gervasio d'Araujo, no seu meio positivo é tambem poeta, e quando o quer ser, as musas não têm que esconder as faces risonhamente inspiradoras.

Dedilha a lyra do enthusiasmo revolucionario com a justeza e severidade que se notam em todos os actos da sua vida, mas de fórma a ferir-nos a alma enlevando-nos o espirito.

A poesia é, porém, para o nosso collega preoccupação momentanea. Lá estão os estudos atirados, e aquiá mais proveitosos, a desviar-lhe o pensamento do convívio das musas, recessas talvez de que o arrebate o Pegoso pelos meandros perfumados do Parnaso.

Este escriptor, trabalha agora aturadamente na conclusão d'um livro sobre sociologia, sciencia de que possui exuberantes conhecimentos, e emprega todos os momentos que lhe ficam vagos do estudo, e do trabalho, na elaboração que esperamos será um novo trophéo para a gloria do seu auctor.

A *Galeria Republicana*, inserindo hoje estas breves traças biographicas e bibliographicas, e dando o retrato do talento

republicano do norte do paiz Gervasio Ferreira d'Araujo, tem em vista, repetimos, prestar verdadeira homenagem ás suas qualidades de homem e de escriptor, apontando-o como exemplo condigno áquelles que aspiram a nobilitar-se e a engrandecer-se pelo trabalho honrado.

O auctor das *Farpas Modernas* tem já prestado, como dito está, relevantes serviços á causa do povo portuguez, e muitos lhe hade prestar, porque é d'aquelles que se não baldeiam na primeira *opportunidade*.

J. DE ROSIERS.

REPUBLICANOS BRAZILEIROS

PALAVRAS INDISPENSÁVEIS

(Continuação)

O modo porque logrou salvar a sua modestia e o seu throno do zelo enfurecido dos seus ardentes servidores arrebetou nos estrondos de um successo epico e que cimentou mais solidamente ainda a sua fama inexcidível.

Senhor temporal e espirital do paiz o que lhe restava mais para completar as suas aspirações pessoas?

Então... pensou na familia —!!! os reis tambem têm os affectos da consanguinidade!!! — e principalmente na filha que tinha de o succeder — uma senhora de umas religiosidades exemplares, que varria egrejas e... mais tarde... devia passear em traquitana fechada com o monsenhor que nos fôra enviado pela curia romana em missão diplomatica e havia de assentar o filho em o nicho do altar-mór da igreja de Petropolis em que o esposo e o pae vão ás vezes dar ao povo o exemplo do amor e veneração ao bom deus catholico. Não era bem por ella — espirito fraco a quem cabe a apparente missão constitucional de nos governar. Era por elle... o principe com quem a matrimoniária e que lhe convém que a inspire na direcção do estado, afim de que o poder imperial não caia sob a influencia profana de alguns dos afortunados vassallos a quem ella tiver de liberalisar o governo.

O genro não podia com justa razão felicitar-se do favor nacional. Descendente de uma dynastia, que alcançou as menções da historia pela cubica e avareza privadas e pela covardia e deslealdade publicas dos seus membros, não era bafejado pelas sympathias do povo, que na fertilidade do seu solo tinha aprendido a ser prodigo e cuja indole ainda não trabalhada pela civilisação só comprehende as francas expansões espontaneas das faculdades affectivas — boas ou más, pacificas ou violentas, em que se desdobra a alma humana. Acresce que, oppondo-se systematicamente e tenazmente á assimilação, sem condições, do estrangeiro no nosso organismo social — a grande naturalização, de que tanto carece o paiz para se desenvolver, o imperante levou o espirito publico a considerar o estrangeiro o antigo «hostis»; e o principe era estrangeiro.

Instava, portanto, abortar taes prevenções e preconceitos.

A guerra do Paraguay ia no seu declinio, depois dos nossos bravos soldados, alliados aos soldados argentinos, terem demonstrado ao mundo, nas colheitas dos louros que fizeram, que, o pequeno povo a quem elles exterminavam tinha na grande envergadura os estoicismos heroicos dos filhos da Esparta dos Lycurgos e Leonidas. É verdade que, por duas ou tres vezes, tivemos occasião de, por meio de um tratado vantajoso com o inimigo já vencido, fechar a aventura, para a qual até mandá-

mos, como carniça, os condemnados da ilha do Fernando de Noronha e pobres escravos, decrepitos na maioria, que os senhores, por dinheiro alguns e outros para obterem titulos nobiliarchicos, arrancaram ao cito e das senzallas. Que importava, porém, ao imperador que o tremendo dragão de fogo e aço, famelico e insaciado, nos devorasse os braços e o dinheiro?... Braços... para o commercio!? tinhamos os do estrangeiro; para a lavoura!? tinhamos muitos nos milhões de escravos que ainda restavam; para a industria!? não valia a pena, por não termos industria exigente... Dinheiro... podiamos emitir papel moeda; e o inglez, na premeditação de nos servir de procurador, como se constituiu de Portugal, ou mais provavelmente de nos curatelar, como tinha de o fazer com o Egypto, fornecia-nos o ouro a mancheias, aos rodos, quanto quizessemos, contanto que não ultrapassasse o valor real do nosso solo.

A pertinacia com que o soberano impunha a sua vontade pessoal para levar a guerra á ultima extremidade causou murmurações, muito baixinhas, á surdina, velladas... — Uns affirmavam que elle pretendia reduzir o inimigo á mais completa impotencia para depois mandar o genro coroar-se dos raios derradeiros da victoria e assim aureolado deslustrar a phantasia do povo e conquistar a gratidão nacional. Outros... Vem a pello abrir aqui um parentesis: (Conforme uma versão secreta, o conflicto sanguiolento entre a republica do Paraguay e o imperio do Brazil, apesar da causa immediata que apparenta, foi provocado pelo dictador paraguay, afim de se desaggravar da offensa que lhe fizera o soberano brasileiro recusando-lhe a filha mais velha que elle lhe havia sollicitado para esposa e acceto alvorotadamente pelo monarcha para castigar no systema que faz chefe de estado de um popular e no povo que o mantinha a audacia do homem sem braços principes que ouzara pretender a mão de uma princeza e... imperial.) Os que acreditavam n'esta suggestão garantiam que o imperador só consentiria na terminação da guerra quando a nação inimiga fosse uma ruinaria porque só assim ficaria saciado o seu espirito de vingança... pessoal.

— Calumnias... calumnias... conclamavam os palacianos a cujos ouvidos chegavam taes ruidos medrosos.

Como quer que fosse, o inconstavel, porém, é que o imperante se lembrou de enviar o genro para o theatro da guerra e como general em chefe do exercito brasileiro, só depois que o povo paraguay, expulso das suas povoações principaes, dizimado, faminto, andrajoso, dividido e subdividido em malhas desorientadas, corridas, fugitivas, desarmadas, nem mais podia ouvir a voz do seu chefe, que, perseguido como um animal feroz, procurava, atravez das macegas, de banho em banho, no mysterio dos balsecos, nos abysmos das florestas, salvar a vida e os companheiros denodados que o seguiram lealmente na *via-dolorosa* da derrota já soffrida.

Não era mais uma batalha: era uma montaria impiedosa e selvagem, que terminou pelo assassinato juridico do monstro mais valente dictador.

A bravura com que no desempenho das suas funcções bellicosas se houve o esposo da herdeira presumptiva da coroa... disseram-n'o as partes officiaes, escriptas no quartel general d'elle, em phrases himpadas de encomios e apologias; e que nós podemos symbolisar escrupulosamente no episodio do combate de «Campo-Grande» que o nosso pintor historico Pedro Americo fixou flammantemente na tela com o seu brioso pincel marcial: um official brasileiro soffrendo pelas bridas o ardego animal que cavalgava o principe para que

elle não se precipitasse na refrega da luta!...

As façanhas attribuidas ao genro do imperante estrondearam com tal estardalhaço que a corte recebeu-o, na volta á capital do sogro, com as ovações gloriosas que assignalaram os antigos triumphadores romanos. Até que elle se bateu em Argel como official de uma ala do exercito francez veio a saber-se e emprestando-se-lhe feitos extraordinarios, que só não foram reconhecidos pela ingratitude da França. Em compensação, porém, quem abrir os compendios de historia firmados por escriptores francezes nas paginas referentes á guerra do Paraguay poderá deifex encontrar os nomes de Ozorio, Porto-Alegre, Andrade Neves, Caixias, Argolo, Barroso, mas com certeza ha de ler o nome do sr. conde d'Eu, como o unico general que conseguiu terminar aquella campanha de modo honroso para o Brazil... naturalmente para não molestar de todo a nossa vaidade nacional... o nome do sr. D. Pedro II — o emerito cabo de guerra diante do qual Uruguyanna, a cidade rendida, abateu as suas muralhas de bronze. — A consequencia de tudo isso foi o que era facil de prever: — a concentração da vida nacional na dynastia imperante.

E com effeito quem visse n'aquelle momento o paiz de brucos ao subpedaneo do throno diria que não eramos mais um povo mas sim uma multidão de cadaveres inseputos e putrefactos sobre a qual corvejava absolutamente o imperador em bando com todos os membros da sua privilegiada progenie. — É que, por interesse proprio e conveniencia dos seus, o soberano violentou hypocritamente a sociedade a passar das agitações do periodo de formação para as fermentações do periodo de dissolução sem attingar o grau de desenvolvimento organico em que se fixam longamente as sociedades regulares.

Pois bem: precisamente n'aquelle occasião, quando o imperador, seguiu da conquista obtida pelas manobras machiavelicas da sua politica pessoal, explorava a nação, o pensamento republicano resurgiu pujante, ostensivamente, corporificado em um pugilo de cidadãos, aparentemente bem organizado, disciplinado, e que fallou ao paiz por meio de um manifesto admiravelmente bem pensado e redigido, no qual, depois de *motivar* o seu reaparecimento no estado de degradação o que nos aviltamos, de fazer o *processo historico* das instituições vigorantes, de provar os *sophismas* que advem para as liberdades e direitos publicos da irresponsabilidade e perpetuidade monarchica de evidenciar o poder pessoal do imperante pelo *consenso unanime* dos homens politicos com quem elle tem repartido o governo, de verificar na propria topographia do nosso territorio a necessidade do *systema federal*, de demonstrar que a monarchia constitucional é incompativel com a *verdade democratica*, concluiu por exigir a proclamação da Republica em nome da salvação do Brazil e da harmonia politica da America.

Este notavel documento, publicado em 1870, foi um brado patriótico que despertou o povo e chamou a postos os nossos compatriotas que tinham resistido aos effeitos corruptores do regimen imperial.

Houve uma revivescencia no caracter publico que serviu para provar que a consciencia de uma nação não morre de todo, premem-n'a embora sob os pesadellos ferreos da tyrannia desmascarada ou a affluem nos sonhos amolentadores do despotismo disfarçado. Percebeu-se mesmo, que foi com visivel e impaciente suffreguidão que o paiz acudiu ao avocamento do novo grupo, que, em nome dos principios republicanos, ousava constituir pela primeira vez o nucleo gerador do partido republicano.

Então, de todos os pontos do imperio e nomeadamente das provincias de São Paulo, Minas-Geraes, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia, concorrerem os signaes de sympathia, as marcas de adhesão, os protestos de solidariedade. Parecia que a parte san da nação aguardava um exemplo de hombridade apenas para se affimar contra o regimen que, no intuito de nos dominar pela corrupção mais folgadoamente e sem responsabilidades, alliou ás nossas inculturas de sociedade nova os vicios deleterios das velhas sociedades.

Os acertos e desacertos, as esperanças e desesperanças, os temores e ousadias, as derrotas e victorias, os progressos e estacionamentos, o modo emfim como o nascente grupo politico, que se averbou mais tarde de *evolucionista*, se desdobrou no grupo *evolucionista-revolucionario* e este no grupo *revolucionario* é o que vamos assignalar traçando a biographia das individualidades mais salientes que caracterisam cada um d'aquelles grupos.

Divergentes nos meios de combater o imperio, isto é: nos processos de desorganização, mas de accordo nos fins que é a reorganização da nossa sociedade sob as bases da republica federal, estes tres grupos distinctos outros, entretanto, unificados por dous outros grupos intermediarios, conjunctivos, servindo de elos e que assignalaremos igualmente, biographando as personalidades que os representam mais genuinamente.

Assim começaremos por Quintino Bocayuva — a expressão mais viva do grupo *evolucionista*; Ubaldino do Amaral como o symbolo mais exacto do grupo que confedera os evolucionistas aos evolucionistas-revolucionarios; Aristides Lobo — a representação mais correcta do grupo *evolucionista-revolucionario*; Mathias de Carvalho, em nossa substituição, como a mais legitima synthetisação do grupo que concentra os evolucionistas-revolucionarios aos revolucionarios; Ferrô Cardoso — o prototypo mais escoreito e significativo do grupo *revolucionario*. Depois, com o auxilio de alguns escriptores nossos compatriotas, delinearemos os peris politicos de Joaquim Saldanha Marinho e José Maria do Amaral — os dous grandes cidadãos venerandos, que, pela idoneidade, criterio, experiencia e idade que os recommendam á confiança publica, são considerados os actuaes chefes espirituales do partido republicano; e finalmente retrataremos outros vultos do nosso partido, que, nos grupos que deixamos classificados, se têm agitado proficuamente em bem da victoria das nossas ideias, como Alberto de Carvalho, Almeida Pernambuco, Candido de Andrade, Jeronymo Simões, João Chapp, Luiz Leitão, Magalhães Castro, Timotheo Antunes, Vicente de Sousa e tantos e tantos... prestimosos e dedicados que, fôra longo enumerar...

Bosquejaremos tambem a physionomia de alguns dos nossos correligionarios — almas fortes e sinceras, consciencias convictas e desassombradas! que, apesar do muito talento e da sufficiente illustração de que são dotados, erram entretanto anarchicamente e irresolutamente em todos os grupos que classificamos, sem se disciplinarem em nenhum d'elles; e, para definir de todo e accentuar terminantemente a feição do nosso partido, daremos igualmente as biographias de Lucio de Mendonça, Rangel Pestana, Miranda Azevedo, Assis Brazil, Prudente de Moraes, Ramiro Fortes de Barcellos, Martinho Prado, Campos Salles, Americo Brasiliense, Pereira Barreto e outros muitos da legião impavida e esforçada que, nas provincias do imperio, da tribuna popular e parlamentar e da imprensa diaria e periodica têm feito da crença republicana uma arma formidavel de combate contra a monarchia e um

instrumento fecundo de trabalho a favor da nossa regeneração nacional.

As qualificações que demos aos tres grupos definidos e aos dous que lhes são interferentes parecerão talvez especiosas e porventura anti-cientificas porque a evolução não exclue a revolução: esta torna-se mesmo indispensavel quando as obsoletas instituições reaccionarias que ainda subsistem se oppõem ao effectuamento d'aquella. Assim, sob o regimen monarchico por exemplo, em que o representante supremo do poder é vitalicio e irresponsavel, os povos têm o dever de derribar as represas que, por interesse da propria conservação e manutenção dos privilegios das suas dynastias, os reis costumam de erguer para soffrear ou desviar ou obrigar a retroceder a torrente da evolução, que no seu curso ascensional tem por fim o democraticisamento das sociedades. O que hão-de fazer os povos para acabar com o tzarismo barbarisador na Russia, o despotismo militar na Alemanha, o cezarismo compressor da Austria, o aristocratismo feudal na Inglaterra; a predominancia social dos elementos clerical, nobre e argentario na Belgica; as resistencias governamentais contra as aspirações liberaes da raça latina na Italia; os infrenes desatinos absolutistas na Hespanha; a corrupção politica e o relaxamento anti-patriótico dos interesses nacionais com o que poder-se-ha em Portugal? — se empenharem, como de presente na Noruega, para depôr as monarchias e pelos meios revolucionarios, já que outros recursos não lhes restam para persuadir os soberanos d'aquelles paizes a não usarem da reacção.

Felizmente nos systemas republicanos as nações podem evitar as conflagrações violentas da revolução: o chefe do estado não tem preoccupações dynasticas e é electivo e temporario, de modo que, se abusar da auctoridade que a nação lhe delegou, o povo armado do boletim do voto está habilitado a esperar tranquillamente que elle termine o seu mandato para elevar ao poder outro cidadão que melhor exercite as suas attribuições. E' que as revoluções resultam sempre das reacções oppostas contra a evolução pelos representantes dos regimens governamentais que criam privilegios vitalicios e hereditarios; e por consequencia constituirão um direito popular necessario muitas vezes á evolução, enquanto as monarchias subsistirem na trama das sociedades modernas: são termos que se completam para a obtenção do progresso.

A desorientação mental, a anarchia politica, a corrupção social, porém, com que o imperialismo perverteu o nosso criterio publico crearam para a patria brasileira um modo de ser tão excepcional que justifica as qualificações aparentemente arbitrarías que demos aos grupos em que de actualidade se divide e subdivide o partido republicano. E' uma anormalidade sem duvida, mas que evidenciaremos facilmente nos feitos e na conducta das individualidades politicas que vamos biographar.

1883 — Paris.

LOPES TROVÃO.

A SECULARISAÇÃO DO ENSINO

Os catholicos de boa fé e os tartufos de toda a especie não tem podido conformar-se com a secularisação do ensino na republica franceza.

Elles trovejaram em todos os pontos do mundo catholico contra aquella medida legislativa; e accusam-n'a de deschristianisar a França, d'expulsar Deus das escolas de renovar os tempos abominaveis de Nero e Diocliciano, e de mil outras coisas nefandas e horrosas.

Que ha de verdade n'este enorme beirero que chegou a repercutir-se no parlamento portuguez?

Absolutamente nada.
E vamos demonstral-o em poucas palavras.

Uma das mais preciosas conquistas da revolução franceza foi a liberdade de cultos que tem ha muito tempo n'aquelle paiz a consagração da lei. Ora quem diz liberdade de cultos diz livre concorrência em materia religiosa, e consequentemente *neutralidade* do Estado perante as diversas seitas que se disputam o dominio das consciencias.

Isto bastaria para justificar a secularisação do ensino na França.

Mas ha outra razão que impunha aquella medida á republica franceza. É esta: A França estabeleceu o ensino obrigatorio sem excepção d'especie alguma. Os judeus, os mahometanos, os catholicos, os protestantes, os livres pensadores, são obrigados n'aquelle paiz a mandar seus filhos ás escolas. N'estas condições como é que poderia tolerar-se que o credo catholico fizesse parte do ensino official com exclusão de qualquer outro? Não seria inconsequente com a liberdade de cultos, e profundamente iniquo e immoral, que a lei fôrçasse os judeus, os protestantes, e mahometanos, a mandarem seus filhos ás escolas para lá lhes progarem o desprezo das crenças de seus paes? Que diriam os catholicos, se a Inglaterra decretasse o ensino obrigatorio, e impoesse nas escolas officiaes a doutrina da Reforma? Que era um odioso e infame attentado contra a liberdade de consciencia e os direitos dos paes.

Pois bem! seria isso mesmo que diriam e com muitissima razão os judeus, os protestantes, etc. se a França, depois de decretar o ensino obrigatorio, deixasse as escolas na posse *exclusiva* da egreja catholica.

Para evitar estas razões de queixa, e garantir efficazmente a primeira de todas as liberdades, a liberdade de consciencia, é que a França secularisou as escolas. Nenhum outro pensamento a inspirou.

Se ella quizesse hostilizar a igreja, não se limitaria a um acto de pura neutralidade nas escolas: eliminaria do orçamento cincoenta milhões de francos, ou nove mil contos de réis, que lhe custa annualmente o culto romano.

Porque é então que os catholicos e os tartufos berram endemoninhadamente contra a França?

Porque é baldia velha na scita dizer-se perseguida, quando a não deixam perseguir. A coexistencia com as suas rivais, a lucta pela vida sem o auxilio ou a complicidade do Estado, é o que ella não pode tolerar. Quer o monopolio, e a dominação exclusiva, á custa dos direitos sacratissimos da consciencia humana. Apesar dos cruéis desenganos que lhe tem infligido a historia, apesar de se ver batida em toda a linha pelas armas da sciencia, não renuncia aos sonhos ambiciosos e liberticidas de Gregorio VII, d'Innocencio III, e de Sixto V. Exterminar o que ella chama a heresia, e submeter o mundo inteiro á omnipotencia pontifical eis o seu objectivo secular e pertinaz. Por isso ella disparata, e levanta uma berraria infernal, quando a não deixam sahir dos limites do direito commum.

Resumindo: a secularisação das escolas, ou melhor, a neutralidade do Estado em materia d'ensino, longe de ser um acto de perseguição religiosa, é uma garantia efficacissima para a liberdade de consciencia, reconhecida ha muito na legislacão d'aquelle paiz, e um corollario do ensino obrigatorio.

Se em Portugal se fizesse o mesmo, se, quando se estabeleceu entre nós a obrigacão do ensino primario, se secularisasse

sem as escolas, não teria quem escreve estas linhas, ha muito divorciado da communhão catholica, d'entregar a educação de seus filhos a professores particulares. E, todavia, elle contribue como os seus concidadãos para o custeio das escolas officiaes.

Grandola.

J. JACINTHO NUNES.

POBRE THRONO!

E não vês, meu *Zé-povinho*
O que vaé lá pelo alto?!
Como tudo anda tão fulto,
Do que se chama decro?!
Não vês tu a *lufta-lufta*
De empregar os affilhados?!
Não vês tu que descarados?!
Não vês tu que desatoro?!

E não são sómente os trunfos
Que, p'ra bem da monarchia,
Passam as horas do dia
A tratar de arranjos taes.
N'essa grande marocleira
N'estes tempos já figura
Muita *dama* que fulgura
Do vicio nos lodações!

E o *Zitu* tudo consente!
Faz a tudo a vista grossa,
Sem temer a grande troça
Que tu lhe podes fazer!
O *Zitu* não vê que o throno
Caminha em marcha apressada
Para a fatal derrocada
Que o deve um dia envolver!

Porque ou sei, meu *Zé-povinho*,
Que, se a coiza não descança,
Terio de andar n'uma dança,
O rei gordo e o rei Antonio!
E hão de ser as taes *sujetas*
Que tudo devem fazer,
Sem que aos dois possa valer
Nem Deus, nem mesmo o demonio,

Mas no dia da desgraça
D'essa podre monarchia,
Quem hade rir d'allegria,
Quem hade as palmas bater,
Serás tu, meu *Zé-povinho*,
Que tens sido—oh, sorte amargal—
A mansa *besta* de carga
Que tanto fazem soffrer!

AVRES DA CONCEIÇÃO.

A PROCISSÃO DE CORPUS-CHRISTI EM 1883

Se ha cousas a que a nossa penna possa applicar toda a vehemencia da nossa critica, em resultado d'uma investigação meticolosa do que ellas valem, são indubitavelmente ao que por ahi se nos apresentam sob o titulo de procissões; uma vez subordinadas aos interesses da igreja *nossa mãe*, origem fecunda da critica que em outras praticas nos offerece! Postas na rua as procissões, o nosso espirito desprende-se nas mais francas gargalhadas, quando se não fecha ás cogitações a que por outras vezes se entrega, lastimando que as tolem os que deviam prohibir, ou que as exijam, em satisfacão d'um preceito irracional e grosseiro! Em ambos os casos, empunhamos a penna, e escrevemos o que nos fazem sentir, lançando no papel o resultado das nossas reflexões, que são: a expressão sincera do que taes actos nos repugnam, mantenedores como somos do que só deva ser justo, e coerente, em conformidade com o seculo de luz que atravessamos; ou, fazendo-nos rir, vendo n'ellas a vingança dos que outras doutrinas professam, tentando fazer reviver a fé que arrenegam, ou a seriedade que menos possuem!

Ridiculos, sempre, os que assim pretendem adquerir proselytos para a sua obra de fanatismo, rebusteem-nos a crença de que pouco a pouco se percam, levando-nos a patentear um a um, todos os seus actos com o maior gosto nosso!

E que pôdem fazer em contrario os defensores do throno e do altar, sustentando essas como outras das suas dilectas palhaçadas, apresentando-nos em publico as imagens que nas igrejas a toda a hora vemos representando uns tantos martyres que mais se sacrificaram pelos seus interesses do que pela humanidade?

Apresentar-nos á memoria nas igrejas o genuino da sua ignorancia, ou da sua perversidade, tentando alguns dos que ellas representam terem seguido as pisadas do martyr do Golgotha, quando, uns assassinaram o seu semelhante em defesa das suas doutrinas!, outros, morreram simplesmente por ellas com a mira na *bemaventurança*?

Outra cousa não! Melhor fôra, que na sua imprensa, os defensores de taes meios de propaganda religiosa, francamente discutissem commosso sobre a necessidade da sustentação das suas adulteradas doutrinas...

Mas, não! Recolhidas as procissões ás igrejas onde as organizaram, fazendo-as depois saír, combatendo a esplendida luz do sol com os centenares de luzes das suas tochas (!!!), só ali, acham um bom lugar para dos seus pulpitos nos insultarem!

Por isso, nós rimos, seguindo-os por toda a parte!...

E quem não rirá, especialmente, vindo na rua a procissão de Corpus Christi? Os padres? Os pretinhos de S. Jorge? os irmãosinhos da *ordem-interesseira* de S. Francisco? Escaparão estes, á vontade de rir que sentimos, quando vémos tudo por ahi de *perminha*, como *sardinha em tigela* para verem os *excellentes rapazes* que ali vão fazendo *tão boa figura*?

Parece-nos que não; se attendermos á bella musica dos tri tri tri tran, ... que os acompanha convidando-os constantemente á troça!, embora, dizendo o contrario no seu serio, e com aquellas carinhas de piedade com que entretanto vão *mastigando* os seus predilectos padre-nossos; dizendo nós que sim!, conhecendo que, no seu intimo riem a bom rir, julgando zombar dos que os observam!...

Quando em tal pensamos, ao vér desfilar a velhada de que se compõe a maioria dos *interesseiras* de S. Francisco, e C.ª, não deixamos de reflectir, que devemos dizer alto e bom som:—Deixal-os! lá vão *ainda* com as suas esperanças de que as procissões não tenham fim, como o seu Padre Eterno! Desculpe-se a velhada: estão no ultimo a quartel de vida quasi todos os que ali vão!...

(Continúa)

J. DE ROSIERS.

ERRATAS DO N.º 37

Pag. 1.ª, col. 1.ª, linha 1, onde se lê *aperado*, leia-se *aferrado*.

Pag. 1.ª, col. 2.ª, linha 5, onde se lê *Sle-tagnod*, leia-se *statu-quo*.

Pag. 1.ª, col. 2.ª, linha 9, onde se lê *semem* leia-se *semente*.

Pag. 1.ª, col. 3.ª, linhas 12 onde se lê *tentaram*, leia-se *tentavam*.

Pag. 1.ª, col. 3.ª, linhas 55, onde se lê *farta luz*, leia-se *farta de luz*.

Pag. 2.ª, col. 1.ª, linhas 20, onde se lê *sobre carregava*, leia-se *sobrecarregavam*.

Pag. 2.ª, col. 2.ª, linhas 35, onde se lê *devida*, leia-se *concedida*.

Pag. 2.ª, col. 2.ª, linhas 45, onde se lê *judgam-no* leia-se *judgam-nos*.

Pag. 2.ª, col. 2.ª, linhas 85, onde se lê *haviam*, leia-se *haviãam*.

Pag. 3.ª, col. 1.ª, linha 1, onde se lê *apreciaranos*, leia-se *apreciãamos*.